

## APRESENTAÇÃO





Jean Gabriel Castro da Costa<sup>1</sup>

Leo Strauss é um dos mais influentes pensadores do século XX no campo da filosofia política e da história das ideias políticas. Este segundo volume do dossiê dedicado à sua obra dá continuidade à proposta de reunir pesquisas que exploram, com diferentes enfoques, a riqueza e a atualidade de seu pensamento. Ao criticar as bases do pensamento moderno e recuperar questões permanentes da filosofia política, Strauss inspira reflexões sobre temas como o direito natural, a tirania, o historicismo, o liberalismo, a relação entre filosofia e sociedade e entre filosofia e religião. Os artigos deste volume examinam sua leitura de autores como Maquiavel, Locke e Burke, sua crítica ao historicismo, além do sentido filosófico atribuído ao “retorno aos antigos”. Com abordagens exegéticas, comparativas e críticas, os textos aqui reunidos reafirmam a fecundidade do pensamento straussiano para compreender os dilemas intelectuais e políticos da modernidade.

Entre os artigos reunidos, há três que se dedicam a examinar diferentes aspectos da relação entre Strauss e Maquiavel. **Jean Gabriel Castro da Costa** aplica à obra *Reflexões sobre Maquiavel* a metodologia esotérica straussiana, interpretando a retomada da imagem do florentino como um gesto irônico destinado a transmitir ensinamentos distintos a diferentes leitores. O artigo sustenta que a crítica fundamental de Strauss não recai sobre o alegado anticristianismo de Maquiavel, mas sobre sua ruptura deliberada com a tradição clássica da filosofia política, perceptível em seu estilo, na ausência de moderação e na crítica imanente ao cristianismo que marca o início da modernidade.

**Helton Adverse** examina como Strauss compreende a reformulação da distinção entre tirania e principado em Maquiavel, especialmente a partir de *O Príncipe*. Segundo o autor, Maquiavel não elimina essa distinção, mas a redefine conforme seus próprios fins teóricos, relançando-a de maneira estratégica.

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo; Professor, Universidade Federal de Santa Catarina , Florianópolis, SC, Brasil. [jeancastrocosta@gmail.com](mailto:jeancastrocosta@gmail.com),  <https://orcid.org/0000-0002-4629-6615>

A análise sugere uma convergência entre a preocupação maquiaveliana com os fundamentos da ordem política e a filosofia de Strauss, particularmente no tratamento da tirania como problema central da teoria política.

**Agustín Volco** interpreta Maquiavel como figura decisiva na ruptura entre antigos e modernos, ocupando posição central no diagnóstico straussiano da crise da modernidade. Para Strauss, Maquiavel abandona a orientação clássica a um bem transcendente e inaugura a autonomia do campo político, fechado sobre si mesmo. A partir dessa leitura, o artigo propõe que a querela entre antigos e modernos, tal como formulada por Strauss, é em grande medida uma disputa sobre a inovação maquiaveliana e seus desdobramentos filosófico-políticos.

A crítica de Strauss ao historicismo é abordada por **Izabella Corrêa M. Coutinho** a partir da análise do pensamento de R. G. Collingwood, identificado como um dos representantes mais radicais dessa corrente. A autora expõe as principais teses de Collingwood, reconstrói as objeções formuladas por Strauss e discute suas implicações para a filosofia política. O artigo também considera a recepção dessa crítica entre comentadores contemporâneos, ponderando seus alcances e limites.

**Elvis de Oliveira Mendes** investiga o significado filosófico do “retorno aos clássicos” em Strauss, articulando essa ideia à gênese da filosofia política. Segundo o autor, trata-se de uma retomada experimental dos traços investigativos do pensamento clássico, especialmente sua abertura zetética às questões fundamentais. O artigo argumenta que esse retorno visa restaurar uma experiência radical de pensamento, voltada à rearticulação de problemas permanentes da vida comum.

**José Colen** e **João Rodrigues** analisam um manuscrito inédito de Strauss sobre o direito natural, escrito pouco antes das conferências Walgreen. O texto ilumina o núcleo argumentativo de *Direito Natural e História*, particularmente no que diz respeito à crítica à conversão moderna da justiça natural em direitos humanos. Os autores destacam como essa transformação teve alto custo filosófico e como Strauss propõe, diante da crise jurídica moderna, a reativação da concepção clássica de direito natural.

**Iann Endo Lobo** examina a leitura straussiana de John Locke como pensador moderno que, sob uma retórica calvinista, articula uma filosofia política ateuista e subversiva. Para Strauss, o fundamento do pensamento lockeano é o direito à autopreservação, o que rompe com a ideia clássica de uma ordem orientada por fins naturais ou revelados. O artigo analisa como essa interpretação insere Locke na tradição moderna iniciada por Maquiavel e Hobbes, e o coloca como figura-chave do liberalismo.

**Pedro da Silva Moreira** explora a crítica de Strauss ao conservadorismo moderno, com foco em Edmund Burke. O artigo compara a busca straussiana pelo melhor regime, fundada em princípios normativos, com a prudência histórica característica dos conservadores. O autor argumenta que, embora compartilhem a rejeição ao racionalismo abstrato, Strauss e Burke divergem quanto à natureza da ordem política e à função da filosofia em seu esclarecimento.

**Richard Romeiro Oliveira** analisa a interpretação de Leo Strauss do epicurismo no poema *De Rerum Natura*, de Lucrécio. O estudo revela como Strauss compreende a crítica da religião como um momento necessário do projeto de felicidade terrena epicurista, mas também como uma via ambivalente, que expõe os limites psicológicos dessa mesma crítica diante do terror cósmico de um universo infinito e indiferente. A análise mostra ainda como Strauss interpreta a poesia como um artifício retórico que, ao suavizar a verdade filosófica, evidencia os impasses do ideal de emancipação universal. A tensão entre verdade e necessidade moral permanece, para Strauss, irresolvida em Lucrécio, distinguindo-o do otimismo racionalista da modernidade.

A variedade temática dos artigos aqui reunidos revela não apenas a pluralidade de leituras possíveis da obra straussiana, mas também a vitalidade de um pensamento que continua a mobilizar investigações rigorosas, comparações fecundas e debates filosóficos relevantes. Seja por meio da análise de autores clássicos e modernos, da crítica ao historicismo ou da reconstituição do horizonte normativo da filosofia política, os textos evidenciam o quanto a obra de Strauss permanece instigante para aqueles que se dedicam à compreensão de problemas perenes e das tensões constitutivas da modernidade. O presente volume é uma demonstração dessa vitalidade e um convite ao diálogo com essa tradição crítica.